

## Imagens da outra: os corpos prostituídos na imprensa escrita

Fábio Lopes Alves<sup>1</sup>  
Andrea Cristina Martelli<sup>2</sup>

**RESUMO:** A presente comunicação analisa a representação da prostituição feminina na imprensa escrita. Os periódicos analisados são os jornais *Hoje* e *O Paraná* publicados na cidade de Cascavel - PR. Objetiva-se, com este estudo, compreender como as prostitutas são representadas por esses veículos de comunicação. A discussão se encontra estruturada da seguinte forma: em um primeiro momento, estabelece-se um diálogo com Roger Chartier em busca do conceito de representação. Em seguida, aborda-se como a prostituição feminina foi representada pela imprensa escrita. Ao final, interage-se com o filósofo Michel Foucault, a fim de perceber como ocorreu a disciplinarização dos corpos através do discurso jornalístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prostituição feminina; Corpo; Imprensa.

### Da pauta do prazer ao prazer em pauta: as prostitutas como objeto do conhecimento

O presente artigo centra-se nas representações da prostituição feminina na imprensa periódica da cidade de Cascavel - PR. Os periódicos eleitos foram os jornais *Hoje* e *O Paraná*, por meio dos quais se pretende efetuar uma pesquisa específica desse universo feminino. Objetiva-se uma incursão no cotidiano de algumas mulheres que não figura nos anais do movimento feminista, não se destacam por possuir trajetória excepcional e exemplar às mocinhas, tão pouco, ocupam as colunas sociais da imprensa. O foco incide sobre o cotidiano de mulheres anônimas, responsáveis pelo cuidado da casa, da educação dos filhos, entre outras atribuições. As personagens centrais da trama são meretrizes que ainda anônimas, ocupam espaços específicos na imprensa periódica, onde se confundem com criminosos e marginais.

De acordo com Dias (1992), sabe-se que as mulheres atuaram tanto quanto os homens ao longo dos processos históricos, não podendo, portanto,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Rio Grande do Sul e professor na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Email: [fabiobidu@hotmail.com](mailto:fabiobidu@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – São Paulo e professora na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Email: [deiamartelli@hotmail.com](mailto:deiamartelli@hotmail.com)

serem deixadas em segundo plano. Ao contrário de constituir uma área do saber restrita e marginal, os estudos de mulheres têm se revelado capazes de contribuir para a renovação de mananciais importantes das ciências humanas como um todo.

No tocante às orientações metodológicas necessárias ao tratamento dos periódicos como fonte e objeto de estudo, esta investigação se ampara em Maria Helena Capelato (1988) e Tânia Regina de Lucca (2005). Para Capelato, “conhecer a história através da imprensa pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado de fonte e reflexão teórica. Sem esses ingredientes corre-se o risco de repetir para o leitor, aliás, sem o charme do jornal, a história que ele conta” (1988, p. 23).

Em face do exposto, esta discussão se encontra estruturada da seguinte forma: em um primeiro momento, estabelece-se um diálogo com Roger Chartier em busca do conceito de representação. Em seguida, aborda-se como a prostituição feminina foi representada pela imprensa escrita. Nesse momento, o texto destaca as matérias jornalísticas que aludiram para o risco de contágio social que as mulheres prostitutas ofereciam à sociedade à medida que contraíam o vírus da AIDS e da sífilis. Ao final, interage-se com o filósofo Michel Foucault, a fim de perceber como ocorreu a disciplinarização dos corpos através do discurso jornalístico.

### **Representações: interlocuções com Roger Chartier**

Na ampla gama de possibilidades que se abre para o pesquisador das representações, este estudo recorreu ao historiador e sociólogo francês Roger Chartier para fundamentar o conceito de representação. Roger Chartier é um dos representantes da nova história cultural francesa que “tem por objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1998, p. 17). A história cultural pode ser compreendida a partir dos conceitos de práticas, representações e apropriações, pois, “na medida em que estes esquemas são incorporados, criam-se figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar inteligível e o espaço a ser decifrado” (Idem, 1998, p.16). Chartier nos alerta que tarefa dessa natureza supõe vários caminhos. De um

lado, porque as representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social, como categorias de percepção do real, onde o poder e a dominação encontram-se emaranhados. É por isso que as representações do mundo social são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Daí a necessidade individual de relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. De outro, porque as representações não se constituem de discursos neutros, ao contrário, eles produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade à custa dos outros.

Ao conceituar representações, Chartier retoma Pierre Bourdieu e atenta para as lutas de representações decorrentes no âmbito da história das mulheres, por exemplo.

Duradouramente, a construção da identidade feminina enraíza-se na interiorização, pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos. Um objeto maior da história das mulheres é, pois, o estudo dos dispositivos, desenvolvimentos sob os múltiplos registros, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consintam nas representações dominantes da diferença entre os sexos: a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sexuais, a divisão das tarefas e dos espaços, a exclusão da esfera pública, etc. Longe de afastar do real e de indicar apenas as figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, inscrevem-se nos pensamentos de ambos, *delas* e *deles*. Mas uma tal incorporação da dominação não exclui, longe disso, possíveis variações e manipulações que, pela apropriação feminina de modelos e de normas masculinos, transformam em instrumento de resistência e em afirmação de identidade as representações forjadas para garantir a dependência e a submissão (CHARTIER, 2002, p. 95-6).

Fundamentado em Arlette Farge, Chartier afirma que “dar a ler as palavras dos atores não é nenhuma maneira de copiar o real. Por suas eleições, suas seleções, suas exclusões, o historiador atribui um novo sentido às palavras que tira do silêncio dos arquivos” (2001, p. 117). Ainda retomando Farge e acrescentando Michelle Perrot, segundo ele,

reconhecer os mecanismos, os limites e, sobretudo, os usos do consentimento é uma boa estratégia para corrigir o privilégio longamente concedido pela história às “vítimas ou rebeldes”, “ativas ou atrizes do seu destino”, em detrimento das mulheres passivas. Embora justamente a questão do consentimento seja

totalmente central no funcionamento de um sistema de poder, quer seja social e/ou sexual (2002, p. 96).

No diálogo estabelecido com Bordieu, fica claro como por meio das representações é possível compreender o *ser-percebido* que os indivíduos constroem e propõem para si ou para os outros.

a *representação* que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu *ser-percebido* quanto por seu *ser*, por seu consumo – que não precisa ser *ostentador* para ser simbólico – quanto por sua posição nas relações de produção (mesmo que seja verdade que esta comanda aquela) (BOURDIEU, 1979, p. 536 apud: CHARTIER, 2002, p. 177).

Chartier também estabeleceu diálogo com Emile Durkheim e Marcel Mauss para que as representações coletivas fossem percebidas como verdadeiras instituições sociais. Daí um duplo entendimento de que

representação consiste, por um lado, a possibilidade de se ver algo ausente. O que supõe, evidentemente, uma diferença entre aquilo que se representa e aquilo que é representado. Por outro, a representação é entendida como exibição de uma presença. Tal como a apresentação de algo ou alguém. A representação consiste num instrumento de conhecimento que permite que um objeto ausente seja percebido através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo tal como ele é (CHARTIER, 1998, p. 20).

Torna-se oportuno, portanto, recorrer a Chartier a fim de amparar esta discussão, pois, a partir desse entendimento, é possível estudar a representação da prostituta construída por aqueles que detêm o poder de classificar e nomear os representados. À guisa de exemplo pensemos na produção do jornal. O periódico é um objeto cultural de valor reconhecido em nossa sociedade. Para sua produção são movimentadas algumas práticas, a assimilação de representações e apropriações culturais. Além disso, o leitor, a partir do momento em que se apropria do jornal, irá difundir novas representações e contribuir para a re-produção de novas práticas.

As práticas culturais que aparecem na construção do jornal são tanto de ordem autoral, por parte do repórter — isto é, modos de escrever, de pensar e de expor o que está sendo notícia —, como editorial, onde se expõe a perspectiva adotada pelo veículo no tocante a diversos temas da sociedade. Da mesma forma a materialidade do impresso se constitui numa prática

cultural, pois, a preocupação de como o periódico será apropriado pelo público leitor, guia o pensamento do diagramador.

Ao discutir a temática da prostituição, o jornalista se propõe a escrever sobre esse assunto a partir de determinadas representações que ele possui. Esse autor também poderá se tornar criador de novas representações, à medida que encontrar, no devido tempo, uma ressonância maior ou menor no circuito leitor ou na sociedade mais ampla.

Com relação a este aspecto, sabe-se que a leitura também gera práticas criadoras, podendo produzir concomitantemente determinadas práticas sociais. Será o discurso jornalístico lido de forma silenciosa? Em recinto privado? Em uma biblioteca? Em praça pública? Sabemos que sua leitura poderá ser individual ou coletiva, e que seu conteúdo poderá ser imposto ou rediscutido. Por fim, a partir da leitura e difusão do jornal, poderão ser geradas inúmeras novas representações sobre os temas que o atravessam e, em alguns casos, poderão fazer parte das representações coletivas. Da mesma maneira, entende-se por prática, o exercício da atividade da prostituição. Pois, é a partir da prática dessa atividade que muitas mulheres definem seus modos de ser, de se identificar e de se inserir numa realidade social.

A respeito da história cultural, Chartier (1998) concluiu que é preciso pensá-la como a análise do trabalho das representações. Até aqui o interesse foi apresentar o conceito de representação utilizado neste estudo, mas, a partir deste ponto, o objetivo é verificar de que maneira a prostituta foi representada pela imprensa escrita.

### **A perspectiva da representação da prostituição feminina na imprensa escrita**

Na representação da prostituição feminina na imprensa escrita, a meretriz é vista como uma mulher que apresenta comportamento desviante, em função de não usar sua sexualidade apenas para a reprodução ou satisfação pessoal no reforço da intimidade da casa. O discurso sobre o sexo foi formulado a partir de duas visões básicas e antagônicas entre si: de um lado, no universo da prostituição, reina a idéia de sexualidade doente e lugar

de perversões; de outro, a do casamento, um espaço higiênico e único onde é permitido manter uma sexualidade sadia. Dessa forma, sobre as mulheres meretrizes incidiram os olhares que traziam explícitos a noção de sexualidade doente.

Magali Engel (2004), em estudo sobre a prostituição no Rio de Janeiro, revela que as imagens do cancro, da chaga, da úlcera, da gangrena e do vírus, freqüentemente utilizada para identificar a prostituição, revelam um dos diagnósticos presentes no discurso: a prostituição como enfermidade do corpo, foco de infecção e ameaça contra a vida e a saúde. Na cidade de Cascavel a perspectiva apontada pelo Jornal *O Paraná* foi de que seria “praticamente impossível erradicar o mal por completo. Poderá minorar o problema num local, mas ele acabará estourando em outras áreas da cidade. É como mal de câncer, ainda não tem cura” (POLÍCIA..., 1979, p. 3). “É nesse sentido que a prostituição espalhada pela cidade foi apontada como um disseminador em potencial da sexualidade pervertida” (ENGEL, 2004, p. 74).

Em Cascavel, sobre a prostituta recaiu a idéia de mulher portadora e transmissora de sexualidade doente. Nos periódicos, a ênfase do discurso foi informar que as meretrizes seriam verdadeiras fontes e agentes de propagação da sífilis. Esse tipo de discurso constituiu os fundamentos para a atuação da ação médica. Ao diagnosticar a prostituição como um perigo que se espalharia pela cidade, contaminando corpos e causando destruição, a sífilis foi comparada a epidemias como cólera, febre amarela, peste, entre outros, que levaria os portadores à morte. A ocorrência da sífilis trouxe importantes implicações na imprensa escrita, à medida que imediatamente tratou-se de discutir o assunto “identificando os culpados” e rapidamente “apontando soluções”, dentre elas a eliminação das mulheres prostitutas, por apresentarem riscos de contágio à sociedade. No ano de 1977, os leitores do Jornal *Hoje* se depararam com uma edição cuja capa continha, como manchete principal, acompanhada de repetidas charges de corpos humanos com identidades não reveladas, a reportagem intitulada *Sífilis: 70% das prostitutas são doentes* (1977, p. 03). A discussão foi realizada com o complemento de uma foto sem legenda, na qual é possível identificar a figura de um homem trabalhando num laboratório com um microscópio. Excetuando a publicidade de máquinas agrícolas, contida na parte inferior da página, toda a folha foi ocupada pelo

texto que trazia de forma explícita a intenção de informar a população a respeito de uma doença que poderia levar à morte, sendo que as prostitutas eram apontadas como as transmissoras em potencial.

A reportagem trouxe estatísticas não confiáveis, pois há divergências nos dados. Num primeiro momento, a partir de informações prestadas pelo responsável pela Seção de Costumes da Delegacia e por um bioquímico, a matéria afirma que 70% das prostitutas estão infectadas. Contudo, no mesmo parágrafo, a partir dos mesmos informantes, a estimativa seria de que 90% das meretrizes teriam contraído a doença. A reportagem definiu a doença da seguinte maneira:

Sífilis é uma doença infecciosa, crônica, e sistêmica causada pelo *Treponema lippidum* e geralmente transmitida pelo contato sexual. É capaz de produzir destruição de todos os tecidos e inflamação crônica em quase todos os órgãos do corpo e pode-se exteriorizar por uma grande diversidade de manifestação clínica (SÍFILIS..., 1977, p. 11).

Numa clara intenção de mostrar que o universo da prostituição era o antro de contágio da doença, o texto jornalístico trouxe uma entrevista com um médico que visava alertar os leitores para o perigo da doença.

Num trabalho conjunto entre a unidade sanitária e as autoridades policiais, 94 exames sangüíneos foram realizados em mulheres que vivem na zona do meretrício e o resultado foi assustador 100 por cento das examinadas eram portadoras de sífilis, enquanto noventa por cento destas apresentavam infecção vaginal (SÍFILIS..., 1977, p. 11).

A informação torna evidente que, mesmo com o reconhecimento dos males que a doença poderia causar, não havia na cidade programas de combate à infecção. Além do mais, acresce-se o fato de os postos de saúde não realizavam exames de sangue, ficando sob responsabilidade do cidadão o contrato de serviços médicos particulares, caso quisesse efetuar tratamento. Em verdadeira crítica ao poder público, a matéria fez alusão à maneira como o erário público americano enfrentou a doença.

Nos Estados Unidos, no ano de 1947, a sífilis preocupou de tal forma as autoridades sanitárias, que um programa foi levado a efeito visando reduzir o alto índice existente. Nesse ano, 108 mil casos de sífilis primária e secundária foram relatados ao Serviço de Saúde Pública, enquanto que mediante tratamentos aperfeiçoados e rápidos, provas sangüíneas em massa, em

1955 houve somente um relato de 6.500 casos (SÍFILIS..., 1977, p. 11).

A editoria não informou ao longo do texto a fonte dessa informação e dos dados estatísticos americanos, mas, ficou explícito que a crítica era dirigida ao controle sanitário municipal em função da falta de um programa para esse fim. Nessa postura ideológica foi feito um elogio à cidade de Curitiba que oferecia às meretrizes os devidos tratamentos.

Em meados da década de 1980, com o objetivo de gerar medo generalizado na população, o Jornal *Hoje* publicou a manchete intitulada “*Confirmada a existência de aids em cascavel*”, trazendo como subtítulo: “*polícia fecha três bordéis na Rua Erechim*” (CONFIRMADA...,1985, p.01). Neste caso são duas informações distintas, mas que aparecem relacionadas justamente para dirigir o pensamento do leitor no sentido de que as prostitutas teriam sido responsáveis pela propagação do vírus da aids. Conforme nos mostra Foucault (1988), no tocante ao medo que esses discursos objetivaram passar a seus leitores, eles são involuntariamente ingênuos em alguns casos. Contudo, mentiroso nos mais freqüentes. Essa medicina instaurou toda uma licenciosidade do mórbido, característica do final do século XIX. Mas, além desses dúbios prazeres, esse discurso reivindicava outros poderes. Pretendia assegurar o vigor físico e a pureza moral do corpo social. Assim como visava eliminar os portadores de taras, os degenerados e as populações abastardas. Em nome de uma urgência biológica e histórica, essa medicina justificava os racismos oficiais, então imanentes. E os fundamentava como “verdade”.

Ao abrir o periódico, segunda página, a matéria que foi aludida na capa aparece com o título: *Cuidado com a loira. Ela está com Aids.*

O que era apenas uma suposição agora é realidade em Cascavel. Existe pelo menos uma pessoa na cidade acometida de Aids, a temível Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Trata-se de Maria Rosana Branev, uma bonita loira, 1,70 metro de altura, cabelos curtos e olhos verdes. Esta mulher foi vista “fazendo ponto” na Avenida Brasil e tão logo a polícia levantou suspeita, não foi mais possível localizá-la. No entanto, existe informação de que a mesma continua na cidade (CUIDADO..., 1985, p. 02).

É interessante observar como foi dado destaque à beleza dessa mulher que era suspeita de estar com o vírus. Contudo, é preciso observar que o



jornalista reuniu duas informações num mesmo espaço: de um lado, essa mulher que possivelmente estaria contaminada com o vírus; de outro, o fechamento de alguns bordéis. Essas casas de prostituição estavam localizadas na Rua Erechim e se encontravam nas proximidades da então rodoviária. A razão para o fechamento foi o fato de esses ambientes terem alvará de funcionamento para atividade de bar, quando, na verdade, eram bordéis “clandestinos”. Provando que tal fechamento nada tinha a ver com AIDS, a reportagem afirmou que o delegado abriu sindicância por entender que a prática do ato de se prostituir contrariava a moral e os bons costumes. Para essa autoridade, prostituir-se naquele espaço era desrespeitar os populares que transitavam pelas ruas.

Esse fato foi noticiado pelo jornal *O Paraná*. Contudo, ao contrário do periódico *Hoje*, a mulher foi descrita como morena. O que chama a atenção nesse caso é a mulher ter sido procurada, pois, segundo o jornal caso ela fosse encontrada seria detida em flagrante por “perigo de contágio e moléstia”.

A moral e os bons costumes foram os motivos que levaram ao fechamento de diversas casas de prostituição e prisão de várias mulheres. É curioso como os jornais se apropriaram desse fato e representaram-nos para seus leitores com outro sentido: o sentido do medo. Essas reportagens temerosas sobre a sexualidade da prostituta podem ser incluídas no que Michel Foucault (1988) considerou como *Scientia Sexualis*, visto que esses discursos apareceram em nome da ciência, quando na verdade sempre estiveram subordinadas aos interesses de uma moral, por meio de normas médicas. Esse tipo de discurso acabou provocando medo generalizado à medida que atribuía às prostitutas a responsabilidade por vários tipos de males que assolavam a população, males estes que nem sempre tinham a ver com o universo da prostituição.

Verifica-se que a imprensa se dedicou, no tocante à prostituição feminina, em criar mecanismos de controle nos diferentes aspectos da vida cotidiana: ora ela utilizou a repressão policial, ora, outros caminhos foram criados para se exercer esse poder de controle. Foi na elaboração de outros caminhos que o discurso com as falas médicas se tornaram importantes ferramentas de repressão contra essas mulheres consideradas “marginalizadas”.

Quando a moça não luta contra o policial, tem de enfrentar o médico. Sua vida é um combate permanente para poder começar a exercer suas atividades a cada dia. Do lado de fora, o medo das batidas, dentro do corpo o espectro da sífilis. A doença a assombra e obceca. Não que ela tenha medo, pois sabe viver com ela, mas a prostituta conhece suas conseqüências: enclausuramento no posto de saúde quando a doença é descoberta (ADLER, 1991, p. 189).

Essa não é apenas a realidade da prostituta parisiense na virada do século XIX para o XX, com relação à sífilis. É possível que esse mesmo enclausuramento apontado por Adler (1991) tenha contribuído para que “100% das 94 prostitutas cascavelenses, que fizeram o exame sanguíneo” (SÍFILIS..., 1977, p. 11) e souberam que eram portadoras da infecção vaginal, desistissem de continuar o tratamento. Além disso, quando a sífilis e a AIDS se tornaram objeto de discurso jornalístico, elas não foram concebidas apenas como doenças, mas como uma ameaça que assolava a sociedade em função da imoralidade que prostituição representava. Essa concepção se fundamentava em função de essas doenças serem vistas pela imprensa como um problema de imoralidade, mais precisamente das prostitutas. Essa é uma das razões de as meretrizes terem sido incluídas no rol de pessoas “impuras” da sociedade e que deveriam ser banidas pelo poder público. Vale ressaltar que o projeto modernizador do espaço urbano de Cascavel não comportava em sua vitrine de aparências, a figura de indesejáveis que ameaçavam a “saúde da cidade”.

Em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo as discussões sobre a sífilis tinham como pano de fundo a regulamentação ou não da prostituição, já que essa atividade estava diretamente ligada à proliferação da doença. Portanto, se controlassem a prostituição estariam obviamente controlando a disseminação da doença. O contrário ocorreu em Cascavel: a imprensa não discutiu explicitamente a polêmica no sentido de regulamentar ou eliminar a atividade, apenas visou usar o mote dessas doenças para relacioná-las ao mundo da prostituição. A sífilis foi vista como um produto da prostituição; foi considerado um mal que estava em expansão e que deveria ser resolvido pelas autoridades competentes.

### **A disciplinarização dos corpos através do discurso jornalístico**

No tocante à sexualidade, percebe-se que a imprensa atuou sobretudo no corpo da mulher. Corpo este que foi descoberto como um local privilegiado para se exercer o jogo de poder, desejo, prazer. No caso do corpo da mulher prostituta, o corpo foi visto como algo que precisaria ser controlado, domesticado, disciplinado e vigiado.

Uma das características da sociedade disciplinar é a distribuição dos indivíduos no espaço e a vigilância é uma das ferramentas utilizadas como um instrumento do controle dessa distribuição. Um exemplo dessa atuação é a busca do controle de atividades por intermédio do horário, já que, controlando o tempo, estabelece-se censuras, regulamenta-se o horário para determinadas práticas etc. Em Cascavel, no tocante à regulamentação do espaço, verifica-se que essa sociedade disciplinar tentou fazer do centro da cidade um espaço onde os marginalizados não pudessem permanecer. À guisa de exemplo, encontra-se a seguinte manchete do Jornal *O Paraná: Um bordel em pleno Parque São Paulo* (1977, p. 02). Essa reportagem faz alusão a uma queixa-crime, registrada na Delegacia de Polícia contra os proprietários do Bar Nossa Senhora Aparecida. A justificativa da denúncia se deu em função de o bar contrariar a moral, ordem e perturbação da paz, uma vez que nesse ambiente eram realizados encontros considerados como amorosos pelo denunciante.

Fui na semana passada até a Delegacia de Polícia de Cascavel e registrei queixa, pois não se pode mais dormir nas proximidades do Bar Nossa Senhora Aparecida, cujos proprietários usam esse nome apenas para enganar as autoridades, pois na verdade ali são promovidos encontros amorosos e outros atos que ofendem a moralidade e perturbam a paz, principalmente dos vizinhos. [...] até altas horas da noite diversos carros públicos, tanto da prefeitura de Cascavel quanto do Estado, além de outros de firmas renomadas da cidade, ficam estacionados à frente do bar com seus ocupantes promovendo verdadeiro carnaval, com jogatinas, gritos, músicas, bebedeiras e outros tipos de perturbação ao ambiente familiar que há no Parque São Paulo e que está sendo quebrado por elementos que parecem não reconhecer as leis (UM BORDEL..., 1977, p. 02).

É interessante observar como tanto o denunciante em sua entrevista, quanto o Jornal, por meio do título, remetem-se à idéia de que o que mais preocupa é o fato de um bordel estar situado no bairro Parque São Paulo – região central da cidade, o que deixa explícita a tentativa de disciplinar a

atividade, o horário e o espaço das prostitutas que atuavam em local familiar. Segundo Michel Foucault (1987),

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; [...] A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. [...] O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame (p. 143).

No caso da imprensa cascavelense, o exercício da disciplina sobre os corpos prostituídos se deu com a publicação de discursos que permitiam dar visibilidade à prostituta. Todavia, em troca, esses corpos passaram a ser vigiados e controlados. A sexualidade da meretriz foi vista como algo que podia manipular, modelar e treinar com vistas a ser um corpo obediente às normas e técnicas impostas.

Essa disciplinarização teve um claro objetivo de eliminar ou diminuir o índice de prostituição na cidade. Com esse intuito, algumas mulheres foram presas por essa prática. Quando a prostituição era realizada na área central, o Jornal *O Paraná* insistia em criticar essa atividade no centro da cidade. “Mais três mulheres que realizavam *trottoir* na Avenida Brasil encontraram em cana Salete Rodrigues, Geni Serafim e Maria de Oliveira. A campanha iniciada pela equipe Volante vai continuar até por uma fim à prostituição em pleno centro da cidade” (NOTAS...., 1976, p. 16).

Levando adiante o plano de combate ao *trottoir* em nossa cidade, os elementos lotados na Delegacia de Polícia estão envidando os maiores esforços no sentido de coibir a proliferação de mundanas em ruas da cidade. [...] ações como esta a polícia local irá desenvolver constantemente nas ruas da cidade, o que também será extensivo aos bairros, onde a prostituição está alcançando índices assustadores, coibindo em parte este problema social que tanto aflige os cascavelenses (POLÍCIA..., 1977, p. 04).

A prostituta segundo a imprensa, atrapalhou o projeto de civilização. “No momento em que Cascavel parece caminhar para o encontro da civilização os inferninhos clandestinos que outrora muitos problemas trouxeram começam a ser reativados” (BOCAS...., 1980, p. 06). Além de atrapalhar o projeto modernizador da cidade, a prostituição foi vista como uma sujeira que

precisava ser limpa. “A polícia cascavelense, através da ronda especial, vem realizando uma limpeza em nossa cidade, para terminar com as meretrizes que infestam o centro da Cascavel” (NOTAS POLICIAIS..., 1980, p. 05). Em outra matéria afirmou-se “A polícia Militar de Cascavel tem efetuado operações de “limpeza” na rodoviária de nossa cidade, detendo elementos suspeitos e prostitutas que transitam pelo local” (LIMPEZA..., 1984, p. 08). Ao se ocupar do espaço público para sua aparição, a prostituta foi considerada um escândalo para as pessoas “de bem”.

A ronda intensiva levada a efeito pelos elementos de nossa polícia, pelo centro e bairros da cidade vem surtindo seus efeitos, principalmente no combate ao “*trottoir*”, já que o antigo problema social vinha ganhando proporções alarmantes, escandalizando as pessoas de bons princípios, que não mais podiam sair as ruas para um passeio (COMBATE..., 1978, p. 02).

Até mesmo das festividades públicas as prostitutas estiveram “impedidas” de participar. No carnaval de 1983 a polícia realizou a “operação Rei Momo”, na qual, em nome da necessidade de garantia e tranquilidade para os foliões, realizou diversos arrastões na cidade. Na ocasião, foram detidas 80 pessoas para averiguação, enquanto outras foram recolhidas por vadiagem. Segundo *O Paraná* foi realizada uma revista completa nas principais casas de tolerância da cidade. A razão dessa atitude era a preocupação com o deslocamento das meretrizes para o centro da cidade (POLÍCIA..., 1983, p. 01).

De acordo com Michel Foucault (1987), em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhes impõe limitações, proibições ou obrigações. No tocante aos diversos métodos disciplinares destinados ao controle dos corpos, é possível destacar três que figuram como principais, a saber: em primeiro lugar, tem-se a *escala* do controle, na qual não se busca mais cuidar do corpo em massa, mas, sim, de lapidá-lo detalhadamente, e exercer sobre ele uma verdadeira coerção. Em seguida verifica-se o *objeto* do controle em que a coerção é exercida, mais sobre as forças que sobre os sinais. E por último a *modalidade*, que implica numa coerção ininterrupta visando o esquadrinhamento ao máximo do tempo, espaço e movimentos. Dessa forma a disciplina fabrica corpos submissos e dóceis. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, a coerção

disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

### **As mulheres honestas e as mulheres faladas na imprensa periódica**

Ao longo do artigo pôde-se perceber as diferentes formas utilizadas pelos jornalistas para descreverem as prostitutas. Valendo-se de algumas análises em torno do cotidiano da meretriz, a imprensa compôs um perfil para essas mulheres, caracterizando-as como mulheres públicas, doentes, infelizes, pobres, desgraçadas, seres de corpos comparáveis à podridão e etc. Dito de outro modo, o corpo da prostituta foi representado como um verdadeiro foco de imoralidade.

A partir dessa discussão percebeu-se também como a imprensa teve o objetivo de transformar “transgressões sociais” em delitos criminais. Sabe-se que a prostituição, em si, constitui-se em uma “transgressão da moralidade”. Todavia, tal prática não se constitui num ato criminoso sujeito à punição, levando-se em conta o Código Penal. Mas, ao que se percebe neste estudo, é que os jornalistas atribuíam às transgressões o *status* de delito. Tal estratégia pretendia mobilizar os leitores com vistas a buscar medidas saneadoras, de caráter moral. Dessa maneira, para os jornalistas, crime era toda a circunstância que levasse à perda da virtude do indivíduo, ou seja, o delito não era caracterizado por critérios jurídicos, mas, sim morais.

A descrição dos tipos femininos estampados nos periódicos separa as “mulheres prostituídas” das consideradas “mulheres normais”, a partir de uma construção social, cujo imaginário tem como modelo a Virgem Santíssima. São, portanto, dois modelos construídos a partir de realidades distintas, com situações diversificadas. À “mulher normal” cabe a maternidade, que lhe rende a concepção de “rainha do lar” e, ao mesmo tempo, atesta-lhe certa autoridade sobre a casa, filhos e família, pois, para ela, cabe o espaço privado. Por outro lado, as prostitutas são identificadas como “Eva, a serpente de Gênesis”, sedutora e causadora da queda do homem; uma criatura dotada de capacidades malévolas; mas, mesmo diabólica, passível de adestramento. Denota-se, a partir disso que, dentro do próprio contexto feminino, houve uma demarcação entre o público e o privado.

Todavia, deve-se ressaltar que, mesmo os olhares vigilantes de uma sociedade com traços patriarcais, que em nome da moral e dos bons costumes, condenou e condena a atividade da prostituição, não impediram que as meretrizes quebrassem essas amarras com atitudes ousadas.

Embora os limites espaciais deste estudo se concentrem na cidade de Cascavel-PR, a representação negativa da prostituta por parte da imprensa local não é uma particularidade, visto que essa postura moralista pode ser percebida, de uma maneira geral, em todos os lugares, em todas as mídias, como nos provam outras pesquisas dessa natureza.

## BIBLIOGRAFIA

- ADLER, Laure. **Os bordéis franceses, 1830-1930**. Tradução Kátia Maria Orberg e Eliane Fitippaldi Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ALVES, Fábio Lopes. História de gênero e prostituição: entre ambientes e personagens. **Revista Consciência**. Palmas. v. 1 n. 18. p. 109-124, 2004.
- ANDRADE, Leandro Feitosa. **Prostituição infanto-juvenil na mídia: estigmatização e ideologia**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2004.
- BENATTI, Antonio Paulo. **O centro e as margens: boêmia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina 1930-1960)** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- BOCAS. **Jornal O Paraná**. Cascavel, sexta feira 11 julho 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **La distinction: Critique sociale du jugement**. Paris: Minuit, 1979.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.
- CARELI, Sandra da Silva. **Texto e contexto: virtude e comportamento sexual adequado às mulheres na visão da imprensa Porto-Alegrense da segunda metade do século XIX**. 1997, 303 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997.

- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1998.
- \_\_\_\_\_. A história entre a narrativa e o conhecimento. In: CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.
- \_\_\_\_\_. Uma crise na história? A história entre a narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2001.
- CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Revista Diálogos**. Maringá. v. 09. n 01. p. 143-165, 2005.
- COMBATE ao “trottoir”: mais oito mulheres detidas. **Jornal O Paraná**. Cascavel, 12 fev. 1978.
- CONFIRMADA a existência de aids em Cascavel: polícia fecha três bordeis na Rua Erechim. **Jornal Hoje**. Cascavel. 31 ago. a 06 set. 1985.
- CUIDADO com a loira. Ela está com AIDS. **Jornal Hoje**. Cascavel. 31 ago. a 06 set. 1985.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes: 1987.
- LIMPEZA na rodoviária. **Jornal O Paraná**. Cascavel, 16 fev. 1984.
- LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MAROCCO, Beatriz. **Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico**. São Leopoldo: EdUnisinos, 2004.



MULHER portadora da AIDS estaria em nossa cidade. **Jornal O Paraná**. Cascavel. 31 ago. 1985.

NOTAS POLICIAIS: mundanas. **Jornal O Paraná**. Cascavel, 6 ago. 1976.

NOTAS POLICIAIS: mundanas. **Jornal O Paraná**. Cascavel, sexta feira 11 jul. 1980.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: EdUfsc, 1994.

PEREIRA, Ivonete. **As decaídas**: prostituição em Florianópolis (1990-1940). Florianópolis: EdUfsc, 2004.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou o silencio da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EdUsc, 2005.

POLÍCIA combate o trottoir. **Jornal O Paraná**. Cascavel, 13 jul. 1977.

POLÍCIA fecha prostíbulos. **Jornal O Paraná**. Cascavel. 9 jan. 1979.

POLÍCIA inicia a “operação Rei Momo”. **Jornal O Paraná**. Cascavel, 6 fev. 1983.

RAGO, Margareth, **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SÍFILIS: 70% das prostitutas são doentes. **Jornal Hoje**. Cascavel. 22 a 28 jan. 1977.

SOARES, Luiz Carlos. Da necessidade do bordel higienizado: tentativas de controle da prostituição carioca no século XIX. In: VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

UM BORDEL em pleno Parque São Paulo. **Jornal O Paraná**. Cascavel, 24 nov. 1977.